



AGÊNCIA NACIONAL

informações para todo o BRASIL

PALACIO TIRADENTES
RUA DA MISERICORDIA
RIO DE JANEIRO

TELS: { 22 - 7610
Oficial : 2396

Serviço de Recortes

D I P

26 hor. a 22 DEZ. 1941

Noticias e Comentarios

Es. Mo. Luz. Luz.

GV. 07 (14)

da

Imprensa Estrangeira

DESPAVORAVETS

○ sentido legítimo do nosso imperialismo é crescer dentro de nós mesmos e levar as nossas fronteiras econômicas até ao limite das fronteiras políticas, fazendo com que todo o Brasil prospere harmonicamente".

Getúlio Vargas

○ Estado Novo tem como programa reconstruir os quadros da vida nacional e, para isso, faz-se necessário, imprescindível, imperioso mesmo, criar uma mentalidade renovadora, expurgada dos velhos vícios da politicagem e do regionalismo, vigilante e construtiva, capaz de aplicar, no trato e solução dos negócios públicos, as mais altas virtudes do patriotismo e do caráter brasileiros.

Getúlio Vargas

RESPONSÁVEL direto pelo futuro do nosso povo, não tenho o direito de deixá-lo iludir-se ou induzi-lo a erros de puro sentimentalismo. Disse um grande pensador que não é possível servir, ao mesmo tempo, ao dever e à paixão. Quem se deixa dominar pela paixão perde o senso da realidade, obscurece os fatos mais notórios e acaba arrastado aos maiores desvarios.

Getúlio Vargas

POLITICAL POLICE AND PRESS KEEP VARGAS IN OFFICE

U. S. Reporter's Arrest in Brazil Shows How Dictator Rules.

BY ALLEN HADEN.

SPECIAL CORRESPONDENCE
OF THE CHICAGO DAILY NEWS FOREIGN SERVICE.
Copyright 1961, The Chicago Daily News, Inc.

Buenos Aires—(By Clipper.)—
To insure his continued control over Brazil and the permanence of the present government, President Getulio Vargas depends on two great instruments—the political police and the DIP, the Department of Press and Propaganda.

I had an opportunity to see the police function from the inside when I was arrested in Sao Paulo by Carvalho Franco, head of the local bureau, and two plainclothes detectives. I had invited to my hotel by telephone a prominent Paulista, who, it appeared later, was still under suspicion by the political police for his complicity with 1,000,000 or so other people in the revolution of 1932.

The police went through all my papers, inspected all my baggage and invited me to accompany them to the station. I went. I was treated with every courtesy—but with firmness—and was held incommunicado for two hours.

Quizzed About Vargas' Foes.

The police wished to know whether I brought letters or books from two of President Vargas' bitterest critics, now exiled in Buenos Aires. They are Armando Salles de Oliveira, whose presidential candidacy in 1937 precipitated Vargas' "golpe de estado" in November of that year, and his brother-in-law, Julio de Mesquita, owner and publisher of O Estado de Sao Paulo, Brazil's best newspaper, confiscated by Vargas in 1940.

After inspecting my diary and note books the police established that I was not meddling in politics. They found to their amazement that I had notes on gambling games, music, economics, statistics, diagrams, names of a host of persons and the general hodge-podge that one jots down when traveling. Nevertheless, all pages in my diary corresponding to my stay in Brazil this time, as well as my last trip in January, were carefully copied.

Followed by Detective.

Thereafter during my whole stay I was "tailed" by a plainclothes flatfoot. John Hubner, American vice-consul in Sao Paulo, detailed by Consul-General Cecil M. P. Cross to inquire into the matter, arranged for me to meet the federal representative of the political police.

No explanations were given, but apologies were freely made. I assured the federal policeman that I had been treated with the utmost courtesy, but would be mind removing the bloodhounds from my trail. The bloodhounds were less in evidence thereafter.

Keeping Vargas in Office.

My arrest proves only one thing: that the Brazilian political police is performing its primary job of preventing any political activity that can threaten Vargas' permanence in office.

My registration at the Hotel Esplanada showed a Buenos Aires residence. To the Sao Paulo police, Buenos Aires means the place of exile of Salles de Oliveira and Julio de Mesquita. These two are the spearhead of opposition to Vargas. Add to that the fact that I telephoned a friend in the two cities. Vargas' police, hurrying me to take coffee with me at my hotel. The police did not stop to think that if I were up to political monkey-business I would hardly use the telephone to establish contact.

O CONTROLE DA IMPRENSA ASSEGURA A VARGAS A PERMANENCIA NO PODER

O PRESIDENTE DO BRASIL EXPLORA UMA AGÊNCIA DE PROPAGANDA PARA
"GUIAR" A OPINIÃO PÚBLICA

Por ALLEN HUDEN,

Correspondente especial do serviço estrangeiro do "THE CHICAGO DAILY NEWS"

Buenos Aires (Pelo avião) - Se o primeiro instrumento do ditador Getúlio Vargas para assegurar a sua própria permanência no poder é a sua polícia política, o segundo é o Departamento de Imprensa e Propaganda, familiarmente conhecido pelo nome de DIP.

A função dessa agência é manter a opinião pública informada, porém nunca conciente do que ocorrer quer no Brasil, quer no estrangeiro. Seu propósito é servir à curiosidade popular, mas, como fazem os médicos nas curas nervosas, sem provocar a excitação do sentimento coletivo.

Grande psicólogo, Vargas sabe que se o Brasil se unir em torno de uma mesma idéia (por exemplo, a favor do Eixo ou dos Aliados, de modo absoluto), essa concentração da opinião pública pode atirá-lo fora do Palácio Guanabara.

Por isso, o D.I.P. distribui a opinião pelos dois campos. Tirar conclusões fundadas unicamente em informações e comentários, através da imprensa, só é possível a respeito de futebol. Isso vira pelo avesso a técnica da propaganda fascista, que se funda em manter a opinião pública concentrada fervorosamente em um ponto único.

DEVOTADO A VARGAS

Lourival Fontes, o melancólico diretor do D.I.P., tem sido descrito repetidamente como partidário do Eixo, mas, depois de conversações com ele, creio que defini-lo dessa maneira é muito simples para uma personalidade tão complexa. Lourival Fontes é acima de tudo brasileiro e completamente devotado a Vargas.

Como jovem intelectual, Fontes ligou-se a Vargas quando este assumiu o poder em 1930. A propaganda e o controle da imprensa pelo governo, na última década, se identificou com a técnica totalitária. Fontes, copiando os cínicos modelos existentes, foi chamado de "nazista" e "fascista". A censura é a mais espetacular das atividades do D.I.P. Qualquer jornal pode publicar um despacho que o D.I.P. desaprove, - mas só o fará uma vez. . As agências de informações, conquanto os censores

já não tenham assento nas suas sedes, consultam o D.I.P. praticamente sobre todas as suas notícias. A censura tem sido atenuada nos últimos meses e o único assunto impregnado, presentemente, é a apresentação dos comunistas sob luz favorável.

TELEGRAMAS PARA O RIO EM PRIMEIRO LUGAR

O D.I.P. exige que todas as notícias vindas do estrangeiro cheguem ao Rio de Janeiro em primeiro lugar, proibindo os jornais de fora da capital captá-las através do rádio. Isso eleva o montante das despesas das agências, que precisam usar o telegrafo e o telefone para transmitir as notícias aos jornais distantes, no interior. Fora do Rio, mesmo em S. Paulo, só se tem um quadro resumido e deturpado dos acontecimentos mundiais.

Qualquer notícia do Brasil pode, teoricamente, ser enviada para fora do país. Mas os jornalistas residentes no país podem ser ameaçados com a prisão ou a expulsão, por notícias enviadas sem a aprovação do D.I.P.

Afim de minorar as dificuldades causadas pela retenção das notícias estrangeiras, o D.I.P. possui a Agência Nacional, que distribue seu serviço aos jornais. Desde que a política é um privilégio de Vargas, notícias políticas são um tabú. Três quartas partes dos jornais das cidades menores, por isso mesmo, só se ocupam de esportes.

MONDAY, OCTOBER

PRESS CONTROL INSURES VARGAS' GRIP ON POWER

Brazil President Exploits
Propaganda Agency to
'Guide' Public Opinion.

BY ALLEN HADEN.

SPECIAL CORRESPONDENCE
OF THE CHICAGO DAILY NEWS FOREIGN SERVICE.
Copyright, 1941, The Chicago Daily News, Inc.

Buenos Aires.—(By Clipper.)—If Dictator Getulio Vargas' first instrument to insure permanence in office is his political police his second is the department of press and propaganda, familiarly known as the DIP.

This agency's function is to keep Brazilian opinion occupied but never fully conscious of what is happening either in Brazil or abroad. It aims to satisfy Brazilian curiosity, just as a doctor does with nervous cases, without exciting popular feeling.

A superb psychologist, Vargas knows that if Brazilians really unite on a single idea (for example, either pro-Axis or pro-Ally), that mass fusion of opinion might blow him out of Guanabara Palace.

Hence the DIP divides news into dribbles. Conviction founded on full information on any topic is impossible—except for soccer.

This reverses the Fascist propaganda technique, which is founded on keeping mass opinion at fever pitch.

Devoted to Vargas.

Gloomy, Lourival Fontes, head of the DIP, has been repeatedly described as pro-Axis, but after conversations with him, I believe calling him pro-Axis is probably too simple. Lourival Fontes is above all Brazilian and completely devoted to Vargas.

As a young intellectual Fontes attached himself to Vargas when he first came to power in 1930. Propaganda and government control of publications became identified during the 30's with totalitarian techniques of government. Fontes, copying the only models available, was labeled Fascist and Nazi.

Censorship is the most spectacular of the DIP's activities. Any newspaper can print a political dispatch disapproved by the DIP—once. In practice the press associations, though censors no longer sit in their offices, consult the DIP on all their news. Censorship has been relaxed in recent months, and the only topic frowned on is presenting Communists in a favorable light.

News to Rio First.

The DIP requires all incoming world news to be received in Rio de Janeiro first, forbidding newspapers outside the capital from receiving their news by radio. This increases the cost to press associations, who must telegraph and telephone the news to upcountry newspapers. Outside Rio, even in São Paulo, you get only a sketchy, distorted picture of world

Brazilian news can themselves

✓

A POLÍCIA POLÍTICA E DA IMPRENSA MANTEM VARGAS NO PODER

- - - - -

UM REPORTER NORTE-AMERICANO PRESO NO BRASIL MOSTRA COMO O DITADOR
GOVERNA

Por ALIEN HADEN,

Correspondente especial do serviço estrangeiro do "THE CHICAGO DAILY NEWS".

Buenos Aires (Por avião) - Afim de assegurar sua permanência no poder, o presidente Getulio Vargas depende de dois grandes instrumentos, - a polícia política e o D.I.P., - Departamento de Imprensa e Propaganda.

Tive oportunidade de verificar como a polícia funciona internamente quando fui preso em São Paulo por Carvalho Franco, chefe do bureau local, e dois detetives em trajes civis. Eu havia convidado um proeminente paulista a aparecer no meu hotel e, - soube-o depois, - essa personalidade se achava ainda sob suspeita, por sua cumplicidade com um milhão de pessoas ou mais na revolução de 1952.

A polícia vasculhou todos os meus papéis, inspeccionou toda a minha bagagem e me convidaram a acompanhá-los ao posto policial. Fui. Ali fui tratado com toda a cortezia, mas com firmeza, - sendo mantido incomunicável durante duas horas.

INTERROGADO A RESPEITO DOS INIMIGOS DE VARGAS

A polícia queria saber se eu trouxera cartas ou livros dos dois mais encarniçados inimigos de Vargas, agora exilados em Buenos Aires. Esses adversários do ditador são Armando de Salles Oliveira, cuja candidatura presidencial em 1937 precipitou o "golpe de estado" de novembro desse ano, e Julio de Mesquita, proprietário e diretor do "O Estado de São Paulo", o melhor jornal do Brasil, confiscado por Vargas em 1940. Depois de inspeccionar meu diário e livro de notas, a polícia verificou que eu não estava envolvido em política. Para espanto da polícia, verificaram os meus detentores que eu tinha notas sobre jogos, música, economia, estatística, diagramas, nomes de pessoas que me haviam proporcionado hospitalidade, enfim tudo quanto se pode encontrar no caderno de um viajante. Contudo, todas as páginas do meu diário referentes à minha permanência no Brasil, bem como da minha visita anterior, foram cuidadosamente copiadas.

5

SEGUIDO POR DETETIVES

De então por diante, durante toda a minha permanência, fui "acompanhado" por pés-de-chumbo em roupas civis. John Habner, vice-consul dos Estados Unidos em São Paulo, incumbido pelo consul geral Cecil M.P., Cross para investigar o assunto, conseguiu que eu me entrevistasse com o chefe da polícia política federal. Nenhuma explicação me foi dada, mas todas as desculpas foram pedidas. Assegurei-lhe que havia sido tratado cortezmente, mas gostaria que os cães de guarda fossem removidos. Os cães de guarda, desde então, ficaram mais distanciados.

CONSERVANDO VARGAS NO PODER

Minha prisão prova uma coisa: que a polícia política do Brasil está desempenhando a sua tarefa primordial, evitando que qualquer atividade política possa ameaçar a permanência de Vargas no poder.

Meu registro no Hotel Esplanada mostrava como local de residência Buenos Aires. Para a polícia de São Paulo, isso equivale a dizer: o lugar do exílio de Salles de Oliveira e de Julio de Mesquita. Esses dois encabeçam a oposição a Vargas. Junte-se a isso o fato de que eu havia telegrafado a um amigo desses dois ferrenhos adversários de Vargas, convidando-o para um café no meu hotel. A polícia não perdeu tempo em pensar que, se eu estivesse metido em embrulhadas políticas, não iria me arriscar a usar o telefone para estabelecer contactos. . .



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

SERVIÇO DE CONTROLE DAS PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA ESTRANGEIRA.

NOTÍCIAS DESFAVORÁVEIS

BUENOS AIRES- 7 de Dezembro de 1941 - "La Hora" sob o título : "A Juventude do Brasil está com Jorge Amado", fala da homenagem que lhe foi prestada pelos estudantes em Montaleza, dizendo ser isso uma resposta à "grosseira campanha" contra ele levada a efeito pelo "famoso DIP do agente nazista Lourival Fontes".

BUENOS AIRES- 4 de Dezembro de 1941 - "Orientacion" em artigo de Brasil Gerson intitulado "Prestes é o continuador de Tiradentes" evoca mais uma vez a lenda da obra do "Cavaleiro da Esperança".

BUENOS AIRES- 30 de Novembro de 1941 - "La Hora" publica uma crônica de Raul Larra sobre um caso de "solidariedade dos marinheiros brasileiros à Rússia", aludindo ao Estado Novo e a opressão policial no Brasil.

CONCORDIA- 26 de Novembro de 1941 - "El Litoral" publica um comentário sobre a proteção à Guiana Holandesa dizendo que o Brasil apressou-se a manifestar solidariedade aos Estados Unidos "para dissimular a obediência à coação."

BUENOS AIRES- 26 de Novembro de 1941 - "Nuevo Orden" publica um artigo da autoria de Armando Cascella focalizando a visita do Chanceler Aranha aos países do Prata, referindo-se à atitude e manifestação contraditórias do Ministro do Exterior do Brasil



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

S.I.E.

RIO DE JANEIRO D. F.

19 de Dezembro de 1941.

PRESTES É O CONTINUADOR DE TIRADENTES

BUEENOS AIRES, 4 de Dezembro - O jornal "Orientacion" divulga o seguinte artigo de autoria do Sr. Brasil Gerson: - "O verdadeiro sentido da "Inconfidência Mineira" - primeiro grande movimento democrático republicano da América do Sul - não é ainda suficientemente conhecido das amplas massas brasileiras, nem mesmo das esferas mais cultas dos países irmãos. Enxagado pela reação feudal e clerical portuguesa, em 1788, recentemente, em 1935, foi iniciado o seu estudo segundo o ponto de vista marxista. Coube aos nacionais libertadores uní-lo definitivamente às lutas gerais do povo, pela sua independência política e econômica e por uma vida melhor. No "meeting" em homenagem a Tiradentes, realizado no teatro João Caetano a 21 de Abril de 1935 - 143º aniversário da execução do herói nacional do Brasil - seu nome já era, pela primeira vez, aclamado juntamente com o de Luis Carlos Prestes e começou-se então a compreender que a obra do "Cavaleiro da Esperança" era realmente uma continuação lógica, consequente, do que quase um século e meio antes, se havia feito pela democracia e pela república, em Vila Rica, do Brasil dos vícios-reis.

Em 1936, por ocasião da prisão de Prestes, publiquei, no heróico e fugaz "Jornal da Manhã", uma crônica evocativa da trajetória revolucionária de Tiradentes, pintando-o de modo a se parecer o mais possível, com o chefe da "Coluna Invencível". Depois dediquei-me com entusiasmo - e sempre guiado por esse mesmo critério - a escrever um livro e um argumento de cinema sobre a figura de Tiradentes e sua participação na "Inconfidência". No exílio, mais da metade dos originais do livro se perderam. A filmagem do argumen-



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

-2-

to, apesar da boa vontade manifestada na patriótica iniciativa por Carmen Santos, infelizmente ainda não foi terminada.

Mais do que nunca, penso que é agora nosso dever - e sobretudo dos nacionais libertadores que se encontram no Brasil - salientar de todos os modos essa perfeita identidade histórica e política entre os dois elevados líderes populares da liberdade brasileira: Tiradentes, o precursor, e Prestes, o continuador, o que há de pôr em prática o magnífico sonho dos "Inconfidentes".

Fazendo-o, prestamos um maravilhoso serviço à causa de nossa democracia, no momento em que o Estado Novo, ao mesmo tempo que impede a livre discussão dos temas históricos do país, apresenta-se ao público como algo que emana das nossas mais queridas tradições nacionais. Devemos desmascarar essa grosseira "chantage", demonstrando que, baseados nessas tradições, jamais poderíamos chegar ao fascismo, porque elas são essencialmente democráticas, verdadeiramente populares. Que é a "inconfidência"? Que é a República fundada por Benjamin Constant? Como todos os demais movimentos que as antecederam ou as sucederam (e entre nós, a "guerra dos farrapos, no Rio Grande; as revoluções de 1817 e 1824 no nordeste etc), a "Inconfidência" e a República têm seus fundamentos ideológicos na revolução industrial inglesa, na enciclopédia e na declaração de independência norte-americana, segundo o documento de Filadélfia, de 1776.

E desmascará-los é coisa fácil, porque elas não resistem ao mais simples e ligeiro dos debates. Bastaria, por exemplo, perguntar-lhe: Tiradentes, Castro Alves, Benjamin Constant, Floriano ou Siqueira Campos, que arriscaram suas vidas lutando pela liberdade, onde estariam no Brasil de hoje, se ressuscitassem?

É certo que estariam como Prestes, Agliberto, Agildo



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

-3-

Barata, ou centenas de operários inimigos de opressão, presos no tribunal de Segurança, à espera da condenação, que os levaria a Fernando de Noronha...

Grande regime esse que agora se declara herdeiro de nossas tradições históricas! - dizia ontem o general Flores da Cunha, ao se referir a essas espantosas afirmações do último discurso de Vargas. Perguntai aos nossos "gauchos" do Rio Grande do Sul onde está a gloriosa bandeira de Bento Gonçalves... Queimaram-na por sediciosa e não se envergonham em afirmar que o herói os aplaude da sua tumba...

Assim, muito temos de falar sobre o Brasil de hoje e em nossas conversações brasileiras de todos os dias; é necessário, hoje mais do que nunca, referirmo-nos a Prestes e uni-lo à memória de Tiradentes, porque ele é realmente, seu continuador.

O programa construtivo dos "inconfidentes" não era um programa de sonhadores. A "inconfidência", sobretudo no que se refere a Tiradentes, era um movimento 100% popular. Mais do que uma rebelião nativista sem maiores consequências, ele tinha um evidente sentido econômico. Seus líderes ricos, como Naciel, se inspiravam na revolução industrial inglesa e desejavam fazer do Brasil colonial de antanho, uma nação de muitas indústrias. Em Minas Gerais se instalariam fábricas de ferro, fonte geradora de todas as riquezas e da civilização do país. Seriam construídas estradas, novas cidades, universidades, milhares de escolas, hospitais, maternidades... Esse programa encheu de entusiasmo Tiradentes, caudilho das inquietudes populares, ainda em busca de uma solução ideal para os males de sua terra.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

S.I.E.

-1-

Verão em breve - dizia ele a uns "franca roupas", dias antes de ser detido - o que haverá depois da proclamada a República. O progresso abrirá o caminho em toda parte. Virão da América do Norte os nossos garantes de fábricas e até a gente mais pobre vestirá panos finos e para todos haverá liberdade...

Na "Inconfidência", Tiradentes era o autêntico representante do povo. Foi no seu grande contacto com o povo que se tornou revolucionário, porque só a revolução resolveria os problemas populares. E isso explica sua firmeza posterior, ao fracassar o movimento. Muitos dos que chegaram ao auge da revolução sem jamais se misturar com a massa vacilaram diante dos juizes e da policia; Tiradentes nunca teve fraquezas.

É tambem nisso que a semelhança de Prestes com Tiradentes é absoluta. Como Tiradentes, Prestes ainda não era um revolucionário conseqüente ao chegar à revolução, era antes um revoltado. Nas caminhadas da "Coluna", misturando-se com o povo miseravel do Brasil e sentindo muito de perto suas necessidades, é que Prestes descerra os olhos a uma realidade nova e pensa em buscar novas soluções para resolver, efetivamente, o problema opressor. Abrem-se-lhe então, de imprevisto, as portas do marxismo e ele exclama: Eureka! Era esta a solução que desejava. Com isto, tudo se resolve. Preste é o Tiradentes do século XX, o que há de solidificar, nos fatos e em proporções maiores, o sonho "Inconfidente" de uma pátria brasileira, rica, poderosa e livre.

MPL/J.S.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

S.I.E.

20 de Dezembro de 1941.

A JUVENTUDE DO BRASIL ESTÁ COM JORGE AMADO.

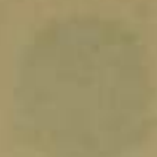
BUENOS AIRES, 7 de Dezembro de 1941 - O jornal "LA Hora", sob o título acima, publica o seguinte:

Os diários de Fortaleza, capital do Estado de Ceará, aqui redactados, publicam detalhes sobre a homenagem que a mocidade estudantil dessa cidade prestou ao novelista Jorge Amado. Realizava-se uma festa em honra do compositor popular Dorival Caymi. Quando os oradores se referiam à arte popular, os estudantes prorromperam em vivas a Jorge Amado, associando seu nome à homenagem que recebia Caymi. É assim que a mocidade responde à grosseira campanha que o Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso Dip do agente nazista Lourival Pontes, levou a cabo contra o querido novelista e biógrafo de Castro Alves, por motivo de sua atuação corajosa no Congresso de Escritores Argentinos, denunciando a situação em que se encontra a cultura do Brasil, sob a "lei de literatura" de tipo fascista.

Seria demasiado sublinhar o significado deste facto: o repúdio, por parte do povo brasileiro, dos agentes do hitlerismo, que, dos postos de responsabilidade do Estado Novo, tratam de obstruir a evolução do Brasil para a democracia interna e a participação na frente internacional contra o nazifascismo.

RHDS/J.S.

Noticias e Commentarios da Imprensa Estrangeira



REPUBLICA AFRICA E AMERICA DO SUL - 1900

1000

1000



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

SERVIÇOS DE RECORTES

Jornal LA HORA
Localidade BUENOS AIRES
Estado
Data 7 DE DICIEMBRE DE 1941.

13

La Juventud del Brasil Está con Jorge Amado

VI

RIO DE JANEIRO, 6 (Por vía aérea). — Los diarios de Fortaleza, capital del Estado de Ceará, aquí recibidos, publican detalles sobre el homenaje que la juventud estudiantil de esa ciudad tributó al novelista Jorge Amado. Se realizaba una fiesta en honor del compositor popular Durival Caymmi. Cuando los cantores se referían al arte popular, los estudiantes prorrumplieron en vivas a Jorge Amado, cambiando su nombre al homenaje que recibía Caymmi. Es así como la juventud responde a la buena campaña que el Departamento de Prensa y Propaganda, el famoso DIP del agente nazi Leonidas Fontes, llevó a cabo contra el querido novelista y biógrafo de Castro Alves, a raíz de su valiente actuación en el Congreso de Escritores Argentinos, denunciando la situación en que se encuentra la cultura del Brasil, bajo la "ley de literatura", de corte fascista. Estaría demás subrayar el significado de ese hecho: el repudio del pueblo brasileño a los agentes del hitlerismo que, desde puestos de responsabilidad en el Estado Novo, tratan de obstaculizar la evolución del Brasil hacia la democracia interna y la participación en el frente mundial contra el nazifascismo.

13



PRESTES ES EL CONTINUADOR DE TIRADENTES

por
Brasil
GERSON

EL verdadero contenido de la "Inconfidência Mineira" —primer gran movimiento democrático republicano de Sud América— no es aún suficientemente conocido de las amplias masas brasileñas, ni mismo de las capas más cultas de los países hermanos. Aplastado por la reacción feudal y clerical portuguesa en 1792, recién en 1935 empezaron en Rio a estudiarlo según el punto de vista marxista. Cupo a los nacionales libertadores estimularlo efectivamente a los luchos generales del pueblo por su independencia política y económica y por una vida mejor. En el milán en homenaje a Tiradentes realizado en el teatro João Caetano el 21 de Abril de 1935 —143 aniversario de la ejecución del héroe nacional del Brasil— su nombre ya era, al final, por primera vez, solemnado junto al de Luis Carlos Prestes, y la gente empezaba entonces a comprender que la obra revolucionaria del "Caballero de la Esperanza" en realidad era la continuación lógica, consecuente, de lo que casi un siglo y medio antes se había hecho por la democracia y por la república en la Villa Rica del Brasil de los Virreyes.

En 1936, cuando la detención de Prestes, publicó en el heroico y fugaz "Jornal da Manhã" una crónica exhaustiva de la trayectoria revolucionaria de Tiradentes, pintándolo de manera que se pareciera lo más posible al jefe de la "Columna Invencible". Después me entregué con entusiasmo —y siempre guiado por ese mismo criterio— a escribir un libro y un argumento de cine sobre la figura de Tiradentes y su participación en la "Inconfidência". En el exilio más de la mitad de los originales del libro se han perdido. La filmación del argumento, pese a la buena voluntad puesta en la patriótica iniciativa por Carmen Santos, desgraciadamente aún no fue terminada.

Más que nunca, pienso que es ahora nuestro deber —y sobre todo de los nacionales libertadores que se encuentran en el Brasil— exaltar de todos modos esa perfecta identidad histórica y política entre los dos encumbrados líderes populares de la liberación brasileña: Tiradentes y Prestes; Tiradentes, el precursor, y Prestes, el continuador, el que ha de realizar en la práctica el magnífico sueño de los "Inconfidentes".

Haciéndolo, prestamos un maravilloso servicio a la causa de nuestra democracia, en el momento en que el Estado Novo, al mismo tiempo que impide la libre discusión de los temas históricos en el país, se presenta al pueblo como algo que emana de nuestras más queridas tradiciones nacionales. Hay que desenmascarar ese grosero "chantage", demostrando que basados en esas tradiciones jamás podríamos llegar al fascismo, porque ellas son esencialmente democráticas, verdaderamente populares. ¿Qué es la "Inconfidência"? ¿Qué es la República fundada por Benjamin Constant? Como todos los demás movimientos que las antecederon o las sucedieron (y entre otros, la "guerra de los farrapos", en Rio Grande; las revoluciones de 1817 y 1824 en el nordeste, etc.), la "Inconfidência" y la República tienen sus fundamentos ideológicos en la revolución Industrial inglesa, en la enciclopedia y en la declaración de la

independencia norteamericana, según el documento de Filadelfia de 1776.

Y desenmascararlos es cosa fácil, porque ellos no resisten al más sencillo y ligero de los debates. Bastaría, por ejemplo, preguntarles:

—¿Tiradentes, Castro Alves, Benjamin Constant, Floriano o Albuquerque Campos, que han arriesgado sus vidas luchando por la libertad, donde estarían en el Brasil de hoy si volvieran por un día a la vida?

Es seguro que estarían, como Prestes, Aguiar, Agildo Barata o centenares de obreros enemigos de la opresión, esposados en el Tribunal de Seguridad, a la espera de la condena que los llevaría a Fernando de Noronha...

—¿Gran régimen es ese que ahora se declara heredero de nuestros tradiciones históricas! —decía ayer el general Flores da Cunha, al referirse a esas espontáneas afirmaciones del último discurso de Vargas. Preguntad a nuestros "gauchos" de Rio Grande donde está la gloriosa bandera de Santo Gonçalves... La quemaron por sediciosa y no se avergüenzan de afirmar que el héroe les aplaude desde su tumba...

Así hay que hablar, siempre y siempre, en el Brasil de hoy, y en nuestras conversaciones brasileñas de todos los días es necesario, hoy más que nunca, referirse a Prestes y vincularlo a la memoria de Tiradentes, porque él es en realidad su continuador.

El programa constructivo de los "Inconfidentes" no era un programa de seguidores. La "Inconfidência", sobre todo en la que se refiere a Tiradentes, era un movimiento 100% popular. Más que una rebelión nativista sin mayores consecuencias, ella tenía un contenido económico evidente. Sus líderes ricos, como Masil, se inspiraban en la revolución Industrial inglesa y deseaban hacer del Brasil colonial de antano una nación de muchas industrias. En Minas Gerais se instalarían fábricas de hierro, fuente generadora de todas las riquezas y de civilización para el país. Se construirían carreteras, nuevas ciudades, universidades, millares de escuelas, hospitales, maternidades... Ese programa llenó de entusiasmo a Tiradentes, caudillo de las inquietudes populares, aún en busca de una solución ideal para los males de su tierra.

—Ya verán Jds. —decía él a unos "franca-roupas" días antes de ser detenido— lo que habrá después de proclamada la República. El progreso se abrirá camino por todas partes. De Norte América vendrán nuestros de fábricas. Y hasta el pueblo más pobre vestirá paños finos y para todos habrá libertad...

En la "Inconfidência" Tiradentes era el auténtico representante del pueblo. Fue en su largo contacto con el pueblo que él se hizo revolucionario, porque sólo la revolución resolvería los problemas populares. Y eso explica su firmeza posterior, al fracasar el movimiento. Muchos de los que llegaron desde arriba a la revolución, sin jamás mezclarse con la masa, vacilaron frente a los juncos y a la policía. Tiradentes no tuvo debilidades.

También en su la semejanza de Prestes con Tiradentes es absoluta. Como Tiradentes, Prestes aún no era un revolucionario consecuente al llegar a la revolución. Era más bien un revisor. En las andanzas de la "Columna", mezclándose con el pueblo miserable del Brasil y sintiendo muy de cerca sus necesidades, se que Prestes abrió los ojos a una realidad nueva y pensó que hay que buscar nuevas soluciones para resolver efectivamente el problema apremiante. Se le abren entonces de imprevisto las puertas del marxismo, y él exclama:

—¡Eureka! Era esta la solución que yo deseaba. ¡Con esto, todo se resuelve!

Prestes es el Tiradentes del siglo veinte, el que ha de concretar, en los hechos y en proporciones mayores, el sueño "Inconfidente" de una patria brasileña rica, poderosa y libre.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

S.I.E.

22 de Dezembro de 1941.

SOLIDARIEDADE DOS MARINHEIROS BRASILEIROS

BUENOS AIRES- 30 de Novembro de 1941 - "La Hora" publica a seguinte crônica da autoria de Raúl Larra, sob a epígrafe acima:

"O marinheiro ganhou o "hall" e leu: "Se é amigo, entre sem chamar". Meteu a mão no bolso e tirou uns papéis manchados, gordurentes, com o selo da moeda brasileira. Logo, enquanto ageitava o gorro, pisou o umbral da porta do escritório, lançando um olhar tímido para o interior.

Stalin emergia num fundo de chaminés. Tinha a cara sorridente. E ao fitá-la, o operário também sorriu. Já não havia dúvida.

-É aqui - disse, e, sem vacilar, entrou resolutamente.

Tirou novamente do bolso as gastas cédulas. Olhou-as ternamente como se olha o retrato de uma linda rapariga. E, enquanto as repas-sava, recordava-se maquinalmente do porto de São Francisco do Sul. Sentia o cheiro putrefacto de bananas e imundícies que subia do cais próximo. Viu o negro Rui, com os braços e o peito pintados de figuras demoníacas, o mulato Santos que, sempre calado, se entretinha em fitar o refluxo das ondas.

Lembrou todos os companheiros brasileiros que se tinham confraternizado com ele logo que lhes disse que se afiliara á Federação Operária Marítimos de Buenos Aires. Abordaram-no com resolução, perguntando-lhe se era certo que ali a polícia perseguia os operários e marinheiros tal como os esbirros de Vargas.



PRESIDENCIA DA REPUBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F

-2-

Recordava-se agora que vacilara um instante em responder. Contristava-o dizer que também aqui a polícia espreitava os homens que amam a liberdade. Mas refez-se; e golpeavam ainda em seu cérebro as palavras com que respondera á gente desejosa de saber o que sucedia mais além do oceano, em direção ao Prata. A despeito da polícia - disse - em Buenos Aires desenvolve-se um maravilhoso movimento de solidariedade á Rússia, os operários manifestam com força as suas reivindicações e a sua opinião nos problemas da pátria.

Sem dúvida - recordava - não existe ali o Estado Novo de Vargas. Respira-se ainda, bebe-se com prazer o ar da liberdade. A polícia não pode fazer emudecer a voz da magnífica fraternidade com a Rússia, que cresce fortemente como a encapelada onda. Sim, recordava que lhes dissera isso e muito mais ainda.

Os marinheiros brasileiros, o negro Rui, o mulato Santos, Barbosa, Azevedo, todos bronzeados pelo oceano, curtidos pelo sal e pelo iodo, ficaram pensativos. E enquanto repassava agora as cédulas gordurentas e rasgadas, lembrava das suas fisionomias, nas quais se lia uma dor profunda, como se tivessem sido esbofeteados, humilhados. Não tardou entretanto, que se fossem afastando lentamente. E esqueceu a cena. Mas antes de partir, vieram despedir-se dele o negro Rui, o mulato Santos, Barbosa e Azevedo. Estenderam-lhe a mão. Mãos fortes vigorosas e ás peras. E com o cumprimento de despedida, foram aquelas células rasgadas e velhas que agora repassava ali, no balcão da Comissão Democrática de Ajuda á Rússia.

-Nós também, companheiro, queremos manifestar aos bravos soviéticos a nossa homenagem. Aqui tem 75\$000. É pouco, sabemos... Mas aceite-os, leve-os para Buenos Aires, onde não há ainda um Estado No-



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

RIO DE JANEIRO D. F.

-3-

vo nem um Getulio Vargas.

Sob a influencia da recordação, a emoção apertou o coração do nosso marinheiro.

Stalin sorria-lhes do fundo de chaminés fumegantes. E ele sorriu satisfeito. Estendeu as cédulas. Uma sobre a outra, decemente. E as susteve contemplando-as, como se tratasse de lindos rostos de mulher.

O cheiro putrefacto de bananas e de imundícies que medomoinham nos cais do porto de São Francisco do Sul reriu-lh as narínhas. Viu-se naquela manhã de despedida, agitando sua mão fechada em signal de saudação aos que ficavam em terra, oprimidos pela policia de Vargas.

-Companheiro - disseram-lhe.

Em sua frente estava um empregado da Comissão.

-Essas cédulas...

O empregado fitou-as, com olhar estranho. No quarto levantavam-se pilhas de fardos, com roupas usadas. "Pull-overs" brilhantes. De Comodoro acabavam de chegar dois pesados caixões enviados pelas mulheres dessa afastada região argentina.

-... são 75\$000 - disse o marinheiro. É uma oferta do negro Rui, do mulato Santos, Azevedo, Barbosa...

O empregado continuava olhando com assombro.

-Não entende? Pensou. Em seguida: são os marinheiros brasileiros que não podem manifestar sua solidariedade á Russua... encomendaram-me... faço a linha Buenos Aires -São Francisco do Sul.

- Ah, muito bem!... seu nome, companheiro?

-Não interessa, não interessa... ponha em todo o caso o nome do negro Rui, sim, isso mesmo, o negro Rui... sei que baixou á terra esse dia sem um vintem.

Stalin sorria no fundo de chaminés fumegantes."

SOLIDARIDAD DE LOS MARINOS BRASILEÑOS

por Raul Larra

El marino se puso en el sill y leyó: "Mi es amigo, entre sin llamar". Metió la mano en su bolsillo y sacó unos papeles ajados, pringosos, con el sello de la moneda brasileña. Luego, a la par que se requetaba la guerra, pasó el umbral del escritorio echando una mirada furtiva al interior.

Stalin emergía sobre un fondo de chimeneas. Tenía la cara sonriente. Y al mirarla al obrero también sonrió. Ya no había duda.

—En aquí —le dijo, y sin vacilar entró resuelto.

Entró nuevamente de su bolsillo los gastados billetes. Y los miró tiernamente como se mira el retrato de una linda muchacha. Y mientras los repasaba se iba acordando maquinalmente del puerto de San Francisco De Sol. Inchas, sintió el podrido de las bananas y basuras que subía desde los muelles próximos. Lo vió al negro Ruy, con sus brazos y su pecho pintados de figuras demenciales, al mulato Santos que siempre callado se entretenía en mirar el reflejo de las ondas.

Se acordó de todos los compañeros brasileños que habían fraternizado con él apenas le dijo que estaba afiliado a la Federación Obrera Marítima de Buenos Aires. Con resolución lo abordaron, preguntándole si era cierto que allí la policía perseguía a los obreros y a los marinos que estaban con la libertad igual que la hacían los señores de Vargas.

Recordaba ahora que dudó un instante en contestarle. Le era doloroso decir que, en efecto, también aquí la gendarmería asediaba a los hombres que buscan la libertad. Pero se resistió. Y todavía golpeaban en su cerebro las palabras con que contestó a esa gente ansiosa por saber qué sucedía más allá del océano, en dirección al Plata. Pese a los gendarmes, les dijo, en Buenos Aires crece un maravilloso movimiento de solidaridad con la U. R. S. S., los obreros expresan con fuerza sus reivindicaciones y su opinión en los problemas de la patria.

Sin duda —recordaba que les dijo— aquello no es el "Estado Novo" de Vargas. Allí todavía se respira, se bebe con fruición el aire de la libertad. La policía no puede enmudecer la voz de una fraternidad magnífica hacia la U. R. S. S., que asciende poderosamente como la encrespada ola. El recordaba que esto les dijo y mucho más.

Los marinos brasileños, el negro Ruy, el mulato Santos, Barbosa, Acevedo, todos fagueados por el océano, curtidors por la sal y el yodo, se quedaron pensativos. Y mientras repasaba ahora esos billetes pringosos y llenos de grietas se acordaba de sus rostros en los que se leía un dolor profundo, como si hubieran sido ahogados, humillados. Luego, se fueron separando lentamente. Y él olvidó la escena. Pero antes de partir, vinieron a despedirlo el negro Ruy, el mulato Santos, y Barbosa y Acevedo. Le tendieron la mano. Manos fuertes, vigorosas y ásperas. Y con el saludo de despedida fueron esos billetes agrietados y viejos que él ahora repasaba allí, en el mostrador de la Comisión Democrática de Ayuda a la U. R. S. S.

—Nuestros también, compañero, queremos expresarle a los bravos soviéticos nuestro homenaje. Aquí tiene 75.000 reis. Son poco, lo sabemos... Pero acéptelos, lívelos allá a Buenos Aires donde aun no tienen un Estado Novo ni un Getúlio Vargas que la pena de patriota.

Al influjo de la camaradería, la república apretó el corazón de nuestro marino.

Stalin le sonreía desde un fondo de chimeneas humeantes. Y él sonrió también. Extendió los billetes. Uno sobre otro, aporremente. Y los estuvo contemplando como si se tratara de lindos rostros de muchachas.

El olor podrido de las bananas y de las basuras que se arrojan en los muelles del puerto de San Francisco De Sol, le

(Continúa en la página 9)

Después las miradas se fijaron en la despedida en el puerto, ante el negro, agitando su puño cruzado en señal de saludo a los que quedaban en tierra, embalsados por los gendarmes de Vargas.

—Compañero —yo que le decían.

Frente a él se hallaba un empleado de la Comisión.

—Estos billetes...

El empleado los miró, extrañado. En el cuarto se levantaban pilas de paquetes, con tapas usadas. Fulvares Santos. De Comodoro anababan de llegar dos pesados cajones enviados por las mujeres de esa lejana región argentina. En el escritorio descansaba un giro de la Comisión de Ayuda Provincial de Mendoza.

—...son 75.000 reis —dijo el marino— los mandan el negro Ruy, el mulato Santos, Acevedo, Barbosa.

El empleado lo seguía mirando con asombro.

—¿No entiende? —pensó para sí. Y luego—: Son los marinos brasileños que no pueden expresar su solidaridad con la U. R. S. S. me han encomendado... yo hago la línea Buenos Aires a San Francisco de Sol.

—Ahí, muy bien... ¡mi nombre, compañero?

—No interesa, no interesa... ponga en todo caso el negro Ruy, el, en el, el negro Ruy... yo sé que ese día bajó a tierra en un barco.

Stalin sonreía desde un fondo de chimeneas humeantes.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

S.I.E.

RIO DE JANEIRO D. F.

20 de Dezembro de 1941.

NOTAS DO MOMENTO

CORDÓBIA, 26 de Novembro de 1941. - "El Litoral", referindo-se à proteção da Guiana Holandesa pelo Brasil e Estados Unidos, escreve:

"O governo norte-americano resolveu ocupar militarmente a Guiana Holandesa, com o pretexto de proteger as minas de bauxita contra as pretensões daspotências do Eixo. A Casa Branca anuncia que tal atitude foi adotada de acordo com o governo holandês. Refere-se ao que pretende existir em Londres sob a chefia de volumosa Guilhermina. Talvez a crença de que há habitantes em Marte seja menos disparatada do que a afirmação da realidade da existência de um governo holandês fora da Holanda.

Mas deixemos esse aspecto do assunto e fixemos a atenção em outro. O argumento segundo o qual as potências do Eixo poderiam cobrir a bauxita da Guiana Holandesa é fantástico e tanto sómente a encobrir uma finalidade inconfessável. Para que querem bauxita as potências do Eixo se a possuem em abundância, posto que dominam territórios produtores desse mineral? Se alguma duvidasse da existência do asserto, poderíamos indicar uma informação de Londres sobre o particular, que assim diz: "Julga-se que as potências do Eixo dispõem atualmente de mais da metade das minas de bauxita do mundo inteiro".

Deve-se, portanto, procurar noutra parte a significação da resolução tomada pelos Estados Unidos, sem prévia deliberação com os países sul-americanos. Um dos mais diretamente interessados no assunto, por ser limítrofe da possessão holandesa, é o Brasil, cujo governo se apressou a expressar sua conformidade a Washington, considerando que a medida "é uma nova prova inequívoca da solidariedade continental". Tem-se que dizer sempre alguma coisa, para dissimular a obediência à coação".



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

SERVIÇOS DE RECORTES

Jornal EL LITORAL
Localidade CONCORDIA
Estado
Data 26 DE NOVIEMBRE DE 1941

Notas del momento

El gobierno norteamericano ha dispuesto ocupar militarmente la Guayana Holandesa con el pretexto de proteger los yacimientos de bauxita contra los designios de las potencias del Eje. La Casa Blanca anuncia que tal actitud ha sido adoptada de acuerdo con el gobierno holandés. Se refiere al que simula existir en Londres bajo la jefatura de la voluminosa Guillermina. Tal vez la creencia de que hay habitantes en Marte sea menos disparatada que la afirmación de la realidad de un gobierno holandés fuera de Holanda.

Mas dejemos ese aspecto del asunto y fijemos la atención en otro. El argumento es que las potencias del Eje podrían codiciar la bauxita de la Guayana Holandesa, es antojadizo, y sólo tiende a encubrir una finalidad inconfesable. ¿Para qué quieren bauxista las referidas potencias si disponen de ella en abundancia, puesto que dominan en territorios donde ese mineral se produce? Si alguien sospechara de la exactitud del dato, podríamos indicarle dónde se publicó una información de Londres sobre el particular que dice así: "Se estima que actualmente las potencias del Eje disponen de más de la mitad de las minas de bauxita del mundo entero."

Hay, pues, que buscar en otra dirección el significado de la resolución tomada por Estados Unidos, previa consulta, — se dice, — con países sudamericanos. Uno de los más directamente interesados en el asunto, por ser limitrofe de la posesión holandesa, es el Brasil, cuya gobierno se ha apresurado a expresar su conformidad a Washington, considerando que la medida "es una nueva prueba inequívoca de la solidaridad continental." Algo hay que decir, para disimular la obediencia a la coacción.

El coronel Batista, presidente de Cuba, ha declarado que su país ayudaría a los Estados Unidos en caso de que éstos entraran en guerra contra Alemania. ¿Con qué los ayudaría? Probablemente con cigarros y bananitas.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

S.I.E.

RIO DE JANEIRO, D. F.
17 de Dezembro de 1941

A excursão do Chanceler Aranha

Buenos Aires, 26 de Novembro de 1941 - "Nuevo Orden", órgão da imprensa da capital argentina, publica o seguinte artigo da autoria do sr. Armando Cascella:

"Agora que o Chanceler do Brasil, sr. Aranha, regressou ao seu país, podemos tentar uma rápida síntese das suas andanças pelos lares do sul da América. A atuação do Chanceler brasileiro, contraditória nos fatos e nas palavras, não é fruto de uma ação desordenada e desconexa de quem sae disposto a caçar o que se lhe depare à frente e não faz maior questão da qualidade e natureza das peças que põe sucessivamente em seu bernal. Se a atitude e as expressões do Chanceler brasileiro foram equívocas, sua posição pessoal e inclusive os seus propósitos foram deliberadamente equívocos. Se em certas ocasiões colocou-se abertamente como chanceler de um país irmão que pretende achar soluções locais para os problemas comuns, em nenhum momento deixou de ser visível uma espécie de superposição constante de sua personalidade e de seu papel, no sentido do desempenho de uma missão que não correspondia estritamente ao cargo que o acreditava junto de nós e em cujo motivo lhe foram prestadas as merecidas homenagens. Queremos dizer que se o sr. Aranha não esqueceu nunca, no decorrer de sua visita à Argentina, Chile e Uruguai que era o chanceler do Brasil - circunstância esta que certamente o honra -, tão pouco deu a impressão de ter esquecido um só instante a pernicioso interferência "yankee" - a seu ver necessária e conveniente para o equilíbrio econômico-político da América do Sul.

Por exemplo, quase com o pé no estribo, o Sr. Aranha parece



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

S.I.E.

- 2 -

RIO DE JANEIRO, D. F.

ter desejado recalcar intencionalmente (como se temesse que a sua rápida viagem ao Uruguai deixasse uma longa cauda e lançasse a perder a boa atmosfera lograda nas relações com a Argentina), que "não haverá bases "yankees" no Uruguai". O chanceler brasileiro acredita que nós, os patriotas argentinos, temos exagerado um pouco acerca desse perigo; acredita (de boa fé?) que se tem feito "demasiado barulho" em torno dessa questão. Mais ainda. Com a momentânea autoridade que lhe confere sua excursão pelas capitais do extremo sul do continente, julgou possivelmente oportuno e de grande importância política fechar sua viagem com esse colchete: "Posso assegurar-lhes que as águas do Rio da Prata estão suficientemente claras e que o horizonte está limpo". Curioso fecho de uma viagem cujo estribilho mais destoante foi essa cançoneta que não deixou nunca os lábios sorridentes do Chanceler: "Se a paz do continente for alterada, o Brasil estará com as suas armas ao lado da nação irmã envolvida no conflito."

De outro lado, a imagem do Chanceler alusiva à "clareza" das águas do Rio da Prata, tão pouco é muito precisa. As águas do nosso rio estão assaz turvas, na física e na política. O assunto das bases não contribuiu, muito menos, para clarificá-las. Não temos outro remédio que render justiceira homenagem à habilidade do Sr. Aranha, mas a verdade é que, se não há bases "yankees" na outra margem do Prata, esse triunfo não foi fabricado, nem constitui fruto dos desvelos conjuntos dos senhores Guani e Aranha, apesar do interesse que havia para os seus países de manter a coberto de toda contingência a intangibilidade das duas margens do Prata. Se não há bases "yankees" na outra margem, deve-se, pelo menos até o momento, à enérgica atitude argentina, não sabemos até que ponto expressa oficialmente, mas sabemos sim que a negativa a toda ingerência "yankee" nos assuntos do



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

S.I.E.

- 3 -

RIO DE JANEIRO, D. F.

Prata foi publicamente rubricada por tres altos chefes militares argentinos, em termos que não deixavam lugar a dúvidas, nem aos uruguaios nem aos norte-americanos acerca dos caracteres que podiam assumir a reação argentina no caso de que a boca do Rio da Prata se viesse ofendida com a presença do pavilhão e de canhões "yankees", qualquer que fosse o pretexto que se aduzisse para o atropelo.

De forma que, vamos às contas. Pode ser muito elegante, sob o ponto de vista do Chanceler brasileiro, opinar que tivemos uma desconfiança prematura, e quiçá seja tranquilizador para alguns que as suas últimas palavras ao deixar essas margens sejam as que consignamos no início desse comentário, tendentes a varrer toda desconfiança a respeito dos projetos de defesa panamericana, sustentados pelo Sr. Roosevelt em relação com a zona do Rio da Prata. Mas a nossa opinião se formou em torno de razões e atitudes muito diferentes, por certo, das que contribuíram para tranquilizar o ânimo do sr. Aranha, o que, em todo caso, moveram-lhe à tentativa de tranquilizar o nosso ânimo. Se o vasto movimento de opinião encarnado no Nacionalismo argentino não se houvesse pronunciado na forma ampla como o fez por meio dos seus mais autorizados porta-vozes, no sentido contrário a toda concessão em matéria de bases no Prata, e se esse movimento encontrou eco no Chanceler argentino, sr. Ruiz Guñazú, quem sabe se a esta hora a excursão diplomática do Sr. Aranha não se tivesse revestido de outras roupagens completamente opostas às que as circunstâncias e sua reconhecida prudência lhe aconselharam vestir para o seu melhor desempenho.

+++++

Falamos de equívocos e de superposição no encargo. O chanceler brasileiro assinou com o seu colega argentino um tratado do qual só



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

S.I.E.

- 4 -

RIO DE JANEIRO, D. F.

há que esperar mútuos benefícios para os dois países. Fez ou tentou fazer o mesmo com o Chile e o Uruguai. Nessa matéria o homem se houve como um ministro patriota, atento ao desenvolvimento das relações econômicas do seu país com os países vizinhos ou limítrofes. Divulgaram-se igualmente na ocasião cousas relacionadas com a urgente necessidade de coordenar a produção e o intercâmbio comercial dos países latino-americanos, que não apresentamos nenhuma restrição para apoiar em toda a sua extensão. Mas, à margem de tais ações e das confortadoras palavras que as escoltaram cuidadosamente, o sr-Aranha preocupou-se sempre em filtrar sua porção de merengue respeito à "solidariedade panamericana" - solidariedade esta que, para que ninguém se enganasse, o Chanceler brasileiro ligou a todo momento com o "dever coletivo" de lutar ao lado de qualquer nação do continente que se visse envolvida num conflito extra-continental, eufemismo que todos nós sabemos de sobra o que significa e que carga de dinamite contém para a paz dessas cobiçadas Repúblicas do hemisfério sul.

O Sr. Aranha incorreu, ademais, em contradições tão flagrantes que são quase inexplicáveis. Assim, enquanto se fazia entrevistar pelos jornais que representam aqui o mais vivo colonialismo anglo-saxão, e naturalmente, dizia-lhes palavras altamente reconfortadoras para o beligerantismo imperial "yankee", manifestava a um órgão nacionalista da tarde conceitos absolutamente contraditórios com os anteriores. Logrou desse modo fazer-se aplaudir por gregos e troianos, com habilidade que elogiamos, mas que não recomenda muito ao nosso entusiasmo e muito menos ao nosso patriotismo.

Diga-se de passagem que não temos nada que censurar ao sr.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

S.I.E.

- 5 -

RIO DE JANEIRO, D. F.

Aranha, tanto quanto se comporta como um patriota brasileiro. Se fazemos honra à verdade, o Brasil pode orgulhar-se do seu ministro das Relações Exteriores. Se é certo que faz jogo com os "yankees", também é certo que não faz em pura perda para o Brasil, como se verifica entre nós. Cada vez que os brasileiros deixam apertar a mão pelos senhores do dólar, fica-lhes algo succulento entre os dedos. Ainda que por um instante pareça que cedeu terreno, é evidente que estão lavrando proveitosamente para o futuro. É possível que nada menos que a hegemonia sul-americana - autorizada e fomentada pelos Estados Unidos e a costa da Argentina - seja o alto preço posto pelo Brasil ao seu atual colaboracionismo "panamericano. Sob o ponto de vista do interesse brasileiro, o objetivo é incensurável, mas não se pode pedir razoavelmente ao patriotismo argentino que aplauda todas as etapas do visível deslocamento, e muito menos que se incline satisfeito ante o diligente diplomata que acaba de deixar entre nós, juntamente com certo benefício local, muitas e mui insidiosas sementes de confusão.

De acordo com esse nosso modo de ver, o aparente afrouxamento final do sr. Aranha não foi senão uma "retirada estratégica". Depois de ter insistido até o cansaço sobre a necessidade do colaboracionismo panamericano; depois de ter feito duvidoso fincapé no "clima altamente favorável" que, segundo ele, achou no Chile, no qual concerne aos aspectos militares da aludida colaboração; após a sua viagem ao Uruguai e as palavras de timbre tranquilizador pronunciadas às vésperas da partida para o seu país, estamos agora diante do fato de que o Brasil se compromete a "defender" as Guianas Holandesas, em estreita colaboração militar com o incendiário beligerante da Casa Branca. Com o que, mais ainda nos firmamos em nossa alarmada expectativa em torno das verdadeiras razões que motivaram a excursão do chanceler brasileiro pelos lares sulinos do continente."

MTF/AS.-

A O lado das outras nações americanas, vivemos e trabalhamos sem
prevenções, dispostos, como sempre, a atuar sincera e decididamente
com o objetivo de preservar a paz, estreitando cada vez mais os vín-
culos da solidariedade continental".

Getúlio Vargas

Só o TRABALHO FECUNDO,
DENTRO DA ORDEM LEGAL
QUE ASSEGURA A TODOS — PA-
TRÕES E OPERARIOS, CHEFES DE
INDUSTRIA E PROLETARIOS, LA-
VRADORES, ARTEZÃOS, INTELEC-
TUAIS — UM REGIME DE JUSTIÇA
E DE PAZ, PODERÁ FAZER A FELI-
CIDADE DA PÁTRIA BRASILEIRA".

GETULIO VARGAS